

ENSINO DE LÍNGUA NA EJA: A ORTOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO

Mariléia Reis (UNISUL)
Valdirene Savi (UNISUL)

ABSTRACT: *This paper describes the types of errors of spelling found in text produced by students attending the program 'Brasil Alfabetizado' (Litterale Brazil) at a public school for students over 18 years of age, in the city of Jaguaruna (Santa Catarina, Brazil). The study is based on the theoretical-methodological orientations of a model which sees knowledge mediation by the teacher considering the learner's socio-historical-cultural context understood here as literacy.*

KEYWORDS: *spelling errors; literacy; text production; education of adult.*

0. Introdução¹. Esse artigo trata da descrição de um estudo de caso sobre erros de escrita na produção textual de jovens e adultos de uma escola pública do município de Jaguaruna (Santa Catarina), na fase final do curso de alfabetização. Parte dos pressupostos teórico-metodológicos de um modelo que firma a mediação de um conhecimento (de uma habilidade) pelo docente a partir do contexto sócio-histórico-cultural do aprendiz, aqui entendido como letramento. Acreditamos que o mapeamento dos tipos e natureza de erros de escrita destes alunos, a partir da formação de um banco de dados de produção textual dos mesmos, poderá favorecer a inclusão escolar pela diversidade linguística, e melhor capacitar os professores alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, no respectivo município.

Podemos encontrar vários tipos de erros ortográficos nas produções textuais: segundo Reis e Silva (2006), eles podem ser classificados como fonológicos, convencionais, de hipercorreção, de segmentação e de transcrição da fala.

O **erro fonológico** implica mudança de fonema e pode ocorrer na fala e, como conseqüência, erro de grafema na escrita, como em 'faca' no lugar de 'vaca'.

O **erro convencional** refere-se à convenção pré-estabelecida para a escrita das palavras, como, por exemplo, a troca de 's' por 'c', 'ç', 'ss', 'sc', 'scç', 'xc'.

O **erro por hipercorreção** decorre do próprio trabalho com regras, desenvolvido em sala de aula, no que diz respeito à generalização dessas regras, adequando-as a todas as palavras que apresentam o mesmo valor sonoro, como em 'agoa', no lugar de 'água', por exemplo.

O **erro por segmentação** relaciona-se à separação dos vocábulos no texto, como em 'doque' e 'voltar-mos' no lugar de 'do que' e 'voltarmos', respectivamente. Nesse tipo de erro, fica evidenciada a falta de clareza dos alunos no que diz respeito à diferença entre vocábulo fonológico e vocábulo morfológico (ou mórfico).

O **erro de transcrição da fala (ou de variação linguística)** diz respeito somente à escrita enquanto repetição da fala, freqüentemente presente em algumas regiões específicas, em razão da pronúncia carregada pelo sotaque ou dialeto local, como, por exemplo, a escrita de 'familha' no lugar de 'família'; ou de 'mulé', no lugar de 'mulher'. Antes de qualquer correção, é importante, neste caso, respeitar a linguagem de origem do alfabetizando, do local onde ela vive, para depois ir apontando as formas convencionais da escrita, padronizadas pela sociedade como corretas.

A partir da descrição e análise dos tipos e natureza de erros de escrita na produção textual em recontos escritos e espontâneos destes alunos de EJA, foi proposto, então, um curso de capacitação continuada a docentes do Programa Brasil alfabetizado, no que diz respeito à diversidade e natureza de erros de escrita destes alunos. Melhor preparado, o professor alfabetizador poderá encaminhar de modo mais eficiente o processo de ensino-aprendizagem da alfabetização, de maneira intencional e sistematizada, uma vez que a aquisição da linguagem escrita é processual, e constitui-se uma habilidade adquirida de modo artificial, comumente, administrada (e ministrada) pela instituição escolar.

Tomamos como objetivos específicos:

¹ Esta pesquisa integra o PROCOTEXTOS (Projeto de Coleta de Textos de falantes/escritores dos municípios que integram a AMUREL), do PPG do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL.

- compreensão e identificação dos tipos de erros na escrita, conforme taxonomia de Reis e Silva (2006);
- diferenciação e conhecimento dos conceitos de alfabetização e letramento como duas faces do mesmo processo, o da aprendizagem da língua escrita;
- reconhecimento da diferença conceitual e de realização material entre fonema/grafema e letra/som;
- compreensão sucinta do processamento da escrita, evidenciando a etapa da codificação;
- reconhecimento da codificação como o processo de conversão de fonemas em grafemas, regido por princípios do sistema alfabético do português do Brasil;
- conhecimento do quadro fonêmico das consoantes e das vogais do português do Brasil.

O desconhecimento das habilidades acima relacionadas promove, aos professores alfabetizadores, inquietação, dada a complexidade do ensino e aprendizagem da língua escrita, provocada por vários fatores, tanto de natureza externa quanto interna ao processo. Um fator externo é a dificuldade de estes profissionais encaminharem esta aprendizagem de modo que os alunos obtenham melhor desempenho em relação aos obtidos hoje no Brasil, considerando os índices alarmantes e vergonhosos de evasão/exclusão e repetência nos primeiros anos do ensino fundamental. Dos fatores internos, que provocam a inquietação do professor, evidenciam-se as irregularidades e arbitrariedades das regras que orientam o processo de codificação, ou seja, a conversão dos fonemas em grafemas, como uma das etapas do processamento da escrita.

A opção por direcionar este curso aos professores que atuam na alfabetização da EJA deu-se pelo fato de que, para Scliar-Cabral (2003),

Embora nos deparemos com estudantes que apresentam bloqueio para a leitura e a escrita até nos níveis de pós-graduação, estou convicta de que suas origens remontam aos primeiros anos escolares, particularmente às séries iniciais: é nos primeiros anos de escola que se decide fundamentalmente quem será um bom leitor ou redator. (SCLIAR-CABRAL, 2003a, p. 20)

1. Perspectiva teórica. Letramento e alfabetização. Atualmente, pelo fato de as sociedades do mundo inteiro estarem cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se tornado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas: é preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, é preciso apropriar-se da função social dessas duas práticas, é preciso letrar-se. O conceito de letramento, embora ainda não registrado nos dicionários brasileiros, vem sendo empregado devido à insuficiência reconhecida do conceito de alfabetização. E, ainda que pouco mencionado, já está presente na escola, traduzido em ações pedagógicas de reorganização do ensino e reformulação dos modos de ensinar, segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina/2005. Letramento é, então, de certa forma, o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: é o estado do indivíduo que sabe ler e de fato lê jornais, revistas, livros, as contas de água, luz, telefone, por exemplo.

Processamento da escrita. Os processos envolvidos na escrita serão aqui apresentados, apenas para contextualizar a codificação, etapa que é parte do foco deste estudo. Os passos da escrita, segundo Scliar-Cabral (2003) são os seguintes:

- **MOTIVAÇÃO:** o escritor deve ter algum motivo para escrever, a sua escrita tem de ser movida por alguma intenção, que pode ser: anotar textos do cotidiano (e outros) para não esquecer os dados, explicitar idéias e sentimentos, argumentar para convencer as pessoas sobre um ponto de vista, relatar experiências de vida, fazer roteiros de viagens, etc.
- **PLANEJAMENTO:** o escritor escolhe o assunto que vai tratar, o registro ou o estilo que será empregado e também que gênero textual caracterizará a sua escrita, aspectos que nortearão a sua atividade escrita.

- **ESTRUTURAÇÃO LINGÜÍSTICA, OU LINEARIZAÇÃO:** articulação das idéias nas orações, a partir da inserção de palavras que possibilitam a compreensão do leitor.
- **CODIFICAÇÃO:** os fonemas são convertidos em grafemas, sempre relevando a variante sociolingüística praticada pelo sujeito alfabetizando.
- **MONITORIA:** é a ação de revisar o texto, revisá-lo, refletir sobre o que se escreve.

Scliar-Cabral (2003a) acrescenta que os critérios que têm mais importância na escrita, por ordem decrescente (para a autora) são: coerência; escolha do registro ou estilo adequados; coesão; adequação vocabular e ortografia.

2. Metodologia. Esse artigo caracteriza-se como um estudo de caso, por tratar de uma descrição holística com análise de um único fenômeno (erros de escritas em produção textual inicial de jovens e adultos). Segundo Rauen (2006, p. 178), *estudar algo pelo seu valor intrínseco implica valorizá-lo em sua unicidade e não como suporte para a generalização*. É de natureza qualitativa e não quantitativa: segundo aquele autor, *pesquisadores quantitativos, preocupados com a generalização, procuram diferenças numéricas entre dois grupos de pessoas, que diferem sob algum aspecto. Na pesquisa qualitativa, não se quer provar a existência de relações particulares entre variáveis. O trabalho busca uma descrição do fenômeno estudado, está interessado nas histórias dos eventos e nas suas interdependências*. No município de Jaguaruna, numa região de pescadores, após seis meses de frequência ao programa de alfabetização de jovens e adultos, foi solicitado aos alfabetizados que produzissem um pequeno texto, a partir do estímulo *A importância do saber ler*, trabalhado pela professora, em sala de aula. Foi-lhes entregue uma folha individual, com três espaços distintos: num, eles deveriam escrever o nome; noutro, o auto-retrato, sob a forma de um desenho; e, por fim, o que gostariam de escrever sobre eles, em relação ao estímulo proposto em classe. O sujeitos tinham faixa etária entre 38 e 61 anos e atuavam nas seguintes profissões: pescadores, secretárias do lar, aposentados, pedreiros e comerciantes ambulantes.

3. Resultados. Em sala de aula, foram trabalhados os itens lexicais do contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos, mediante a distribuição de folhetins dos supermercados e farmácias do município, em que apareciam palavras relacionadas à alimentação, vestuário e remédios por eles consumidos, o que justifica a motivação com que a testagem foi desenvolvida, no que se refere a perspectivas de letramento. Na sala de aula, também circularam textos de gêneros distintos: faturas da conta, água, luz e telefone; documento de identidade e certidão de nascimento. Uma aluna (61 anos) escreveu no seu texto que considerava importante saber ler e escrever, segundo ela, porque *Viajo muito e preciso pegar o ônibus, mas sempre preciso de alguém para me ajudar a ler para onde o ônibus vai, gostaria de escrever isso, mas somente sei escrever a letra 'o' de ônibus, o resto eu não sei, quer dizer, aiiiiinda não sei*². E é a partir de depoimentos desta natureza que nós, as pesquisadoras, do mesmo modo que Soares (2004), em relação à inserção da palavra letramento no contexto escolar, no desenvolvimento e aprofundamento do saber, esperamos que essa nova palavra (letramento) tenha surgido, como muitas outras já surgiram e muitas tantas vêm surgindo na área da educação e do ensino, não propriamente para nomear um novo fenômeno, mas para designar uma nova percepção, uma nova compreensão de um processo que em si não é novo, que é o processo de aprendizagem da escrita, cujos 'erros' serão apenas uma questão de tempo.

Os erros mais encontrados na produção textual dos alfabetizados foram os decorrentes da aproximação da escrita com a fala (variação lingüística), como em 'apreide'/aprender, 'faze'/fazer, 'le'/ler, 'escreve'/escrever, 'inderço'/endereço, num total de 40% das ocorrências. Segundo Kato (1998), esta constitui-se a fase em que E1 é igual a F1: ou seja, a única referência da escrita 1 do alfabetizando é a fala 1 (a fala que não se apóia em textos escritos, como em dicionários e outros). Em segundo lugar, somando cerca de 30% das ocorrências, os erros convencionais, como em 'talves'/talvez e 'cei'/sei. Os demais erros foram os de natureza fonético-fonológica, como em 'casta'/carta; de hipercorreção, como 'onibos'/ônibus. Em número menor, os de segmentação, como em 'oque'/o que. Nos erros por segmentação, ficou evidenciada a falta de clareza dos alunos no que diz respeito à diferença entre vocábulo fonológico e vocábulo morfológico (ou mórfico): este relaciona-se ao significado das palavras, dá-se quando um segmento fônico se individualiza em

² Revisão textual realizada pelo professor.

função de um significado específico que lhe é atribuído na língua; aquele está ligado ao ritmo, a elementos prosódicos, e corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal: em português, depende da força de emissão das sílabas, e essa força se chama acento. Por exemplo: tanto em 'passatempo' quanto em 'guarda-chuva', há dois VF e um VM. Mas, em 'aguardente' e 'planalto', por exemplo, temos apenas um VF e um VM.

RESUMO: Este artigo descreve os tipos de erros de escrita encontrados em produções textuais de alunos do Programa Brasil Alfabetizado, de uma escola pública de jovens e adultos, no município de Jaguaruna (SC), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de um modelo que firma a mediação de um conhecimento (de uma habilidade) pelo docente a partir do contexto sócio-histórico-cultural do aprendiz, aqui entendido como letramento.

PALAVRAS-CHAVE: erros de escrita; letramento; produção textual; educação de jovens e adultos.

ANEXOS

Sujeito 1 (56 anos – masculino)

*Eu quero apreder a ler para
saber pegar um onibo
para saber um inderço
e para escreve uma carta
e saber le outra*

Sujeito 2 (59 anos - masculino)

*CASA DO COLONO
TAbelA do LaNhe*

Sujeito 3 (60 anos – masculino)

*Importante a gente saber
ler escrever pesquisar o
preço do supermercado e
quando vai viajar para
uma cidade grande saber
pegar o onibos*

Sujeito 4 (50 anos – feminino)

*eu quero esquevre um
casta que eu não cei
esquever direito*

Sujeito 5 (61 anos – feminino)

*eu quero faze cota
e dinlero*

Sujeito 6 (38 anos)

*QUERO APREIDE PARA FAZER CONTA
E PARA FAZER O SUPLETIVO E TALVES
IR MAS LONGE*

Sujeito 7 (45 anos - masculino)

*ESTOU NA AULA POR QUE
ESTOU PRECISANDO.
PRECISO APRENDER MAIS
POR TEM O COMERCIO*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1998.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

REIS, Mariléia & SILVA, Raquel. **‘Quando eu penso que é para pôr “ss”, o correto é “ç” ou vice e verça’**: a conversão do fonema /s/ em contextos competitivos, num estudo de caso. No prelo. 2006.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Estudos Temáticos. Florianópolis: COGEN, 2005.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Guia prático de alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003a.

_____. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003b.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.